

# BALADA DAS DONZELAS EM FUGA

Por JOANA RUAS



**E**STE tríptico foi inspirado por uma recitação feita pela autora, em Julho de 1975, em Orangozinho, na tabanca de Eticoga. Orangozinho é uma das 19 ilhas que constituem o arquipélago dos Bijagós, da República da Guiné-Bissau, assinalado nos mapas antigos como *Dórcades*. Este termo provém do grego *dorkas*, designação atribuída a uma espécie de cabras selvagens outrora existente na Arábia, hoje vulgar sobretudo em Bolama.

O tema constitui património da tradição oral e foi-me recitado pela mulher mais velha de Orangozinho. Outras duas retomaram a narrativa, ampliaram-na, envolveram-na, intercalando-a com as suas vivências pessoais.

Anotemos que em 1303 Aboubakar II, sobrinho de Sundiata e imperador do Mali, se celebrou pela tentativa de exploração do oceano Atlântico. Já no século XIII a Guiné estava dividida em reinos mandingas, sendo Farim a sede do Governo. A palavra farim significa, mesmo, governador, dentro da hierarquia imperial mandinga.

J. R.

Ao F. M. N'Dur Djatta e à Filomena

**C**HEGUE até vós o meu canto  
como as águas do mar à areia sequiosa.

Éramos donzelas quando começou a guerra dos mandingas.  
Começou a guerra e a nossa fuga sem repouso.  
Ávidos chegaram da nossa formosura  
Cingiam-lhes os rins os longos terçados de ferro  
e as pesadas xorcas uma esteira de guizos  
estendiam sob os seus passos.  
Preferiam-nos às nossas velhas mães  
ignorando a sábia doçura dos seus abertos ventres,  
mas para aceitarmos a violação do homem  
necessário se torna que o amor  
nasça livre nas suas entranhas.

Ó nuvens, quem não conhece a liberdade  
como pode conhecer o desejo?

Descemos ao tarrafe e entre as sarças nos guardámos  
os macacos azuis connosco repartiam  
o nhambé e os frutos alagados e amargos.  
Cardumes de peixes caíam, flores surpreendidas  
nas nossas mãos quietas, pacientes mãos.

Planando nas águas a raia,  
soberana e esquiva borboleta do mar,  
batia as asas pontilhadas de vermelhos ocelos  
a cauda agitando em seta.  
Mais perturbante que a serpente  
que a cabeça esconde na fenda do poilão  
e roçando a terra com o ventre caminha até ao arrozal  
e nas poças escuras mergulha  
onde a lua passa veloz para não ser cativa,  
a raia borboleta esquiva  
fugindo pelos prados do mar.

Ave do exílio irmã da morte  
não poises as delicadas patas no galho do limoeiro  
derrama sobre a minha cabeça o borrijo da noite  
na minha cabeça onde a idade põs a aivura dos seus ovos de  
[cinza].

Nossas velhas mães nos buscavam na noite  
água quem a encontraria que a bebesse?  
a água do pantano cintila mas não mata a sede.

Ave do exílio irmã da morte  
longo tempo ficámos longe de casa  
e escondidas espíavamos na beira das tabancas  
e casto fumo do arroz cozido  
como corça desabrida correndo na planície  
nas nossas narinas cantavam: volta para casa!

As donzelas que no bosque se esconderam  
donzelas permaneceram.

## II

Não me perguntes se conheço as lágrimas  
cheguei ao entardecer da minha vida  
e pouco me importa os bens do mundo  
posso um único tesouro, a minha tristeza  
mas um espinho o teu canto arrancou do meu peito.

Éramos donzelas quando regressámos às tabancas.  
Os mandingas pareciam desistir pois muito lhes custava  
o pouco proveito que desta guerra tiravam.  
Nossos pais e irmãos empunharam as armas  
para pela força averiguarem  
o que se não podia determinar pela justiça.  
Muitos jovens caíram, os afiados gumes abandonados,  
delgadas folhas do arroz na poeira deitados  
e na flor do sexo o pólen da vida ceifado.

Na minha cabeça o canto da erva esmagada  
e o súbito sopro da obscuridade.

Taça negra de marfim  
onde brilha o sangue de recentes estrelas  
eu canto o teu soberbo amor do mar  
e um pássaro branco nasce da tua fresca boca  
e busca guarida numa nuvem verde.

Não te cubras de folhas!  
Adeus imagem do meu amado  
sou a faúlha que em breve tombará  
como as flores e os frutos quando passas.

Toda a sombra tem atrás de si o sol  
na luz de oiro do bosque transparente  
passarás teus húmidos olhos.

Nós donzelas armas não possuímos para ofender  
senão paciência para sofrer.  
Sob a árvore das palavras nos sentávamos  
o ouvido atento ao ladrar do cão.  
Connosco estavam os mandingas  
que aos próprios mandingas fugiam  
e nossas velhas mães murmuravam:  
Eis que chegou para nós o flagelo de deus.

Negras andorinhas me saem do peito  
ao celebrar a minha antiga primavera.

## III

Ó vós que cantais o vento e as nuvens  
erguei o vosso pensamento dos fumos da terra

A morada de minha mãe deixei  
e o cortejo das fugitivas segui  
para o país onde se abrem as portas do mar.

Éramos donzelas e os nossos seios  
dois golfinhos negros luzidios  
ondulavam no coração das ondas.

Nossos desejos escondidos na areia  
como os doces ovos da tartaruga  
aguardavam a carícia do sol,  
Ó meu amado assim te transportei no alegre dorso.

Fontes de dor e alegria  
nossas vermelhas panelas de fino barro  
túrgidas e floridas de pelos se apertavam  
entre as pernas arqueadas como os ternos  
cornos de jovens cabras.  
Ó cabeleira de trevas da noite  
rainhas estereis e sem sorriso  
nossa perfumada cera branca, derretidas lágrimas.

Como chamar ao que por trás nos agarrava,  
sabe-lo tu, pálida estrangeira?  
Livre era o combé  
e de um manto de concha se cobriu  
e o seu gosto não era o do mel  
nem o da selva do cibe

Sabeis o seu nome?  
o medo.

Os mandingas voltaram e nossas mães  
no calabouço encerraram gritando-lhes:  
Se vossas filhas se não renderem  
ninguém sairá daqui com vida.

Mãe, minha mãe, deixa-me partir  
para o país de exílio onde fui jovem.

Tristes e chorosas chegaram  
as faces rasgando com as unhas  
e prostradas suplicavam:  
Entreguem-se antes que as faiscas  
destes tições nos queimem as nossas vidas.

Vós que guardais as fontes dos arrozais  
preparai-me o vosso leite, amantes da água  
pois em mim flui o espírito da morte.

Sumida a formosa gordura de seus pescoços  
como a pestana do hipopótamo esconde  
o brilho cruel das suas pupilas  
assim suas peles penduradas  
escondiam o suor da aflição

Tartaruga que trazes às costas o firmamento  
e seus designios ocultos  
finamente inscritos na tua escama  
eu escondo a minha cabeça e as minhas mãos  
do vento agreste céu futuro.

Deixei o meu país, parti com o meu canto  
tudo sofri e tudo vos contei.

Meu coração é uma nuvem.

(Poema inspirado na narrativa de três velhas bijagós)  
Ilha de Orangozinho 1975 / Lisboa 1976.